

O FRACASSO ESCOLAR PELA EXCLUSÃO DA FIGURA PATERNA E A PSICOPEDAGOGIA SISTÊMICA.

Elane da Rocha Nogueira Barros¹

Introdução

“Os professores precisam entender que os alunos preferem seguir os pais a serem educados”, esta frase de Marianne Franke traz a questão da lealdade das crianças para com suas famílias. A escola não é melhor que nenhuma família e o respeito dos professores pela criança não é nada mais que o respeito pela família de origem dela. Sendo essencial haver uma profunda conexão entre família e escola para que as crianças, os alunos sintam-se seguros. Do contrário, a criança imaginará que, para aprender, terá que trair sua família, e isso poderá ter consequências negativas para sua aprendizagem.

A exclusão da figura paterna, seja por qual motivo for, vem chamando atenção para casos graves não só de fracasso, mas também de evasão escolar precoce. A supressão desta importante figura familiar causa, igualmente, problemas psicológicos, cognitivos e neurológicos na criança.

A ausência do pai é, frequentemente, motivo para o fracasso escolar de vários alunos. Vemos que, segundo os estudos do alemão Bert Hellinger: *“Somente na mão do pai a criança ganha um caminho para o mundo. As mães não podem fazê-lo. O amor dele não é cuidadoso nesta forma como é o amor da mãe. O Pai representa o espírito. Por isso o olhar do pai vai para a amplitude. Enquanto a mãe se move dentro de uma área limitada, o pai nos leva para além desses limites para uma amplitude diferente.”*

A lei do pertencimento é implacável como qualquer outra lei da natureza, ninguém pode ser excluído de um sistema familiar. No caso dos pais, esta exclusão é fatal porque cada filho é biologicamente metade pai metade mãe. A ausência ou agressão aos pais é

¹ Advogada - Procuradora da INFRAERO cedida à SENATRAN. Terapeuta Holística. Consteladora Familiar pós graduada. Pós-graduanda em Conciliação, Mediação e Arbitragem. Pós-graduanda em Neuropsicopedagogia Sistêmica. Coordenadora do grupo de leitura da Comissão de Direito Sistêmico da OAB/CE. Voluntária no projeto Atendimento Popular Jurídico Sistêmico, parceria entre a CDS e Projeto Atendimento Jurídico Sistêmico e Direitos Humanos e o Escritório de Direitos Humanos da Câmara Municipal de Fortaleza. Facilitadora do método IoPT.

uma agressão a si mesmo porque o indivíduo fica incompleto e anda pela vida de forma capenga.

Enquanto a mãe acalenta, acolhe, o pai estimula a ir para o mundo, desbravar, seguir adiante ter força. Sem o pai, o indivíduo, frequentemente, perde seu Norte.

As várias faces do Fracasso Escolar

O **fracasso escolar** pode ser, geralmente, compreendido como a consequência para um aluno da não-apropriação do aprendizado. Os conceitos, habilidades, valores, conhecimento e a questão da cidadania não foram internalizados no aluno, culminando muitas vezes, em baixas notas, reprovação e, por fim, no abandono da escola pelo mesmo. Desta forma, é preciso delimitar dentro de um campo de estudos o que se entende por fracasso escolar, o que estamos categorizando como fracasso? Fracasso em relação a que?²

Para Bernard Charlot, professor de Ciências da Educação na Universidade de Paris VIII Saint Denis:

“(...) não existe fracasso escolar; existe, sim, alguém em situação de fracasso. Segundo ele, existem alunos fracassados, histórias escolares que terminam mal. O que deve ser analisado são essas histórias, essas situações. O autor enfatiza dois pontos de estudo sobre o fracasso escolar: o primeiro, as deficiências sócio - culturais, **a diferença e a falta**; o segundo, a análise em termos de diferenças e saberes escolares.

(...)

O trabalho mais completo é o de Bourdieu, que defendia a ideia de que a posição social dos pais corresponde às diferenças de posição escolar dos filhos. É a reprodução das diferenças. **Charlot argumenta sobre a necessidade de entender que só a categoria sócio-profissional (*sic*) do pai é insuficiente para explicar o fracasso ou sucesso escolar dos filhos. É preciso levar em consideração o papel da mãe, da irmã mais velha, ou até mesmo a posição social dos avós.**

A posição da criança constrói-se ao longo de sua história e é singular, devendo ser levada em consideração. É necessário distinguir a posição objetiva da subjetiva. **O sucesso na escola não é questão de capital, mas, sim, de trabalho, atividades práticas, de posições escolares, não de qualquer outra posição.**

² https://pt.wikipedia.org/wiki/Fracasso_escolar

Certas crianças de famílias populares não conseguem, de fato, aprender, mas existem as que conseguem. Assim sendo, a teoria da deficiência deveria ser fragilizada. É de senso corrente que as crianças que conseguem aprender possuem um dom. Dessa forma, a teoria deficiência sociocultural apoia-se em fatos que são selecionados e reinterpretados. A noção de deficiência também proporciona importantes benefícios ideológicos aos docentes de qualquer crítica, **uma vez que o fracasso escolar não é imputado às práticas docentes.**

(CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes. Médicas, 2000)

Deste modo, vê-se que a questão do fracasso escolar é algo mais subjetivo ligado à história de vida de cada aluno. Disfunções na estrutura familiar podem determinar “a situação de fracasso” de um aluno ao longo de sua vida acadêmico escolar.

Ausência do pai

As consequências da ausência da figura paterna na vida de uma pessoa são inúmeras. Além da ausência física, emocional, há pessoas que nem ao menos tem o nome do pai em seu registro de nascimento/certidão de nascimento o que impacta, inclusive, sua inexistência no mundo civil. Assim, há vários movimentos tentando recompor, nem que seja só legalmente, o laço com esta importante figura na vida de qualquer ser humano.

Dentre estes movimentos, está a Associação Pernambucana das Mães Solteiras cujo relevante trabalho realizado culminou com a elaboração do livreto Paternidade Direito de Todos & Todas onde menciona-se que:

“Toda pessoa tem direito de conhecer suas raízes, sua verdadeira história. É importante a sensibilização dos pais e mães a respeito dos seus papéis no que se refere à educação, à responsabilidade de oferecer melhores condições de vida a seus filhos e filhas, ao afeto e aos cuidados com os filhos(as) **A negação da paternidade tem deixado sua marca na história indo muito além do nome da certidão de nascimento,** significando abandono moral, social, material e psicológico, provocando dor, constrangimento, vergonha e sofrimento às pessoas que não tem o nome do pai em sua certidão de nascimento, em especial quando vão retirar seus documentos, como carteira de identidade.

(...)

O desrespeito à cidadania da criança diante do não reconhecimento de paternidade acarreta prejuízos incalculáveis ao longo de sua existência comprometendo seu desenvolvimento psicossocial a partir do momento em que o pai está ausente para protegê-

la - além de essas crianças serem rotuladas como filhos de prostituta ou de chocadeira, entre outras alcunhas vergonhosas de se publicar. Os homens que agem dessa forma, negando a paternidade de seus filhos, o fazem para livrar-se de suas responsabilidades ficando mais fácil jogar na lama o nome daquela mulher, mãe do seu filho, do que assumir a criança. Lembrando que os homens têm o aval da sociedade para assim procederem, pois as mulheres que abandonam seus filhos são por unanimidade repudiadas e raramente conseguem o perdão deles(as).” **o trabalho realizado pela Associação Pernambucana das Mães Solteiras (Citar o livreto no final)**

Apesar de este trabalho não ter nenhum viés sistêmico, muito menos a Presidente da APEMAS, Sra. Marli, ter noção das leis sistêmicas, é notório o elo com tal conhecimento. No documentário “Porque temos esperança”, o qual narra a jornada de Marli em facilitar o acesso de vários detentos a serviços cartorários no intuito de que estes, tanto registrem seus filhos, como, muitas vezes, sejam registrados por seus próprios pais. É triste constatar a que ponto chega as consequências da ausência da figura paterna. Além de serem detentos, sem o nome do pai no próprio registro de nascimento, tais homens também não registram seus filhos, e tem níveis de escolaridade baixíssimos.

Como diria Joan Garriga Bacardí, no livro Onde estão as Moedas? As Chaves do Vínculo entre Pais e Filhos: “Há uma razão poderosa que pode nos levar a iniciar a tarefa de restaurar o amor por nossos pais: só conseguiremos nos amar quando os amarmos e os honrarmos. No mais profundo de cada um de nós, por mais graves que sejam as feridas, **os filhos seguem sendo leais a seus pais e inevitavelmente os tomam como modelos e os interiorizam.** De algum modo, conectam com uma força que os faz ser como eles. Por isso, quando são capazes de amá-los, honrá-los, dignifica-los e respeitá-los, então podem fazer a mesma coisa consigo mesmos e ser livres. (...) muito simples: o que reprovamos nos aprisiona, e só o que amamos nos liberta.” * (introdução).

Embora este pai seja ausente fisicamente, materialmente e emocionalmente, muitas vezes não o é nas narrativas a cerca da sua figura e de seus atos. Muitas mães, avós, avôs, tias e outros parentes, não sem razão, fazem narrativas não muito elogiosas acerca dessa figura inexistente que, apesar de tudo, jamais poderá ser substituída por quem quer que seja na vida de um indivíduo.

Desta forma, quando se cresce ouvindo relatos depreciativos a respeito do próprio pai, cria-se uma autoimagem muito ruim também explicada pela psicologia:

“No diálogo com a psicologia, deve estabelecer como princípio que toda a relação de mim comigo mesmo passa pela minha relação com o outro. Filósofos e antropólogos também afirmam o princípio de que a relação consigo supõe a relação

com o outro. Portanto, é esse o princípio essencial da sociologia do sujeito: **cada um leva em si o fantasma do outro. Aí está o princípio fundamental para compreender a experiência escolar e para analisar a relação com o saber. A relação escolar é relação consigo**, com os outros (professores e colegas) e com o saber. Autores da psicologia são citados: Piaget, Wallon, Vigotsky, Girard, que fundamentam a ideia de que o desejo é desejo do desejo do outro. (CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes. Médicas, 2000)

Ressaltamos que geneticamente somos metade nosso pai e metade nossa mãe, ao interiorizarmos essa imagem ruim do nosso pai, estamos, na verdade, também, rejeitando uma metade nossa e isso é prejudicial para a nossa vida como um todo.

Epigenética

A epigenética estuda a carga genética que recebemos dos nossos ancestrais, que modificada pelo meio ambiente, explica características fisiológicas, morfológicas e físicas observáveis no indivíduo, causando, inclusive mudanças comportamentais e sociais. Esta área da biologia, portanto, estuda mudanças no fenótipo e outras características dos indivíduos que não têm relação com alterações na sequência de DNA (ácido desoxirribonucleico).

As etapas da vida familiar são constituídas por várias fases, que compreendem o relacionamento intergeracional, de modo que os sintomas individuais podem estar associados ao funcionamento familiar ao longo do tempo. É comum constatar que um pai que abandona seu(s) filho(s), provavelmente, também experimentou o mesmo abandono. Este desempenho culminou na entrada no mercado de trabalho mais cedo, a desistência da vida escolar ou o fracasso a longo prazo, possível ingresso na criminalidade, a incapacidade em ser pai dentre outras consequências. Estas experiências, por meio de simples pesquisa clínica, são verificáveis em diversas pessoas comprovando a transgeracionalidade.

Por meio do método das Constelações Familiares que aborda as leis nos sistemas humanos - a família, os grupos sociais, as instituições, e trata de reduzir as desordens no sistema familiar hoje compreendemos a profundidade da ausência paterna.

As dimensões sistêmicas que incidem em nossa vida são:

- a) Dimensão transgeracional: vínculo entre as gerações, antepassados, de nossas raízes e culturas;

b) Dimensão intergeracional: vínculo entre pais e filhos, é o lugar que ocupamos e como ocupamos. Os vínculos estabelecidos com os pais serão determinantes no modo como percebemos o mundo e como nos relacionamos com ele. A relação entre os professores e os alunos se situa nesta dimensão;

c) Dimensão intrageracional: abrange os laços e a lealdade em relação com a própria geração e o contexto histórico. Relação (entre iguais - irmãos, alunos, pai e mãe, professor; e a

d) Dimensão intrapsíquica: aborda o indivíduo como sistema físico, emocional, mental, espiritual. Como cita Vilaginés, M. T (2011, p.38)

A transgeracionalidade consiste nos processos transmitidos de uma geração a outra, mantendo-se presentes ao longo da história familiar. Assim, diz respeito a padrões relacionais que se repetem, ainda que as pessoas envolvidas não percebam (Falcke & Wagner, 2005). Nesse sentido, os indivíduos carregam consigo e transpõem para os relacionamentos que estabelecem uma bagagem emocional, constituída nos relacionamentos anteriores, que pode ser composta por cargas positivas ou negativas. De tal forma, tendem a se estabelecer barreiras à intimidade, da mesma maneira que expectativas ou exigências de que os novos relacionamentos venham a compensar ou a sanar mágoas anteriormente experienciadas (Carter & McGoldrick, 1995). Salienta-se que, mesmo nas situações em que a pessoa tenta se comportar de modo oposto ao estipulado pela família, sofre as consequências, por não se adequar ao que foi preestabelecido (Falcke & Wagner, 2005).

A abordagem da transgeracionalidade na terapia sistêmica, na modalidade familiar, é enfatizada em alguns estudos (Pellegrini et al., 2015; Seixas, 2010). A terapia sistêmica pode ser definida por uma forma de psicoterapia que concebe os comportamentos dos indivíduos como associados ao contexto relacional em que eles se inserem, com base na perspectiva de causalidade recursiva entre comportamentos e interações. Familiares e outros indivíduos importantes da rede relacional estabelecida pelos clientes são frequentemente incluídos no processo terapêutico, de modo direto ou virtual, por meio de questionamentos sobre os seus comportamentos e as suas percepções (Sydow, Beher, Schweitzer, & Retzlaff, 2010).

“Passado, presente e futuro estão unidos por um fio invisível que transita por gerações”. Essa questão enfatiza a “lealdade” aos pais do ponto de vista sistêmico, em sua dimensão intergeracional, na relação pais-filhos. Nosso mundo familiar, nossas raízes são inscritas em nós, nossa grande alma é transmitida de geração para geração. Os filhos

ganham a vida que os pais lhes deram e jamais irá devolvê-la aos pais. Os filhos com a necessidade de compensar abandonam o seu lugar para dar a outros o que eles receberam, essa é uma forma de compensar, reconhecer e agradecer o que receberam. Vilaginé, M. T (2011-p. 47), coloca “La función de los padres es el sostenimiento de los hijos para que puedan recorrer su camino”. Esta função dos pais gera sentimentos mais primários e profundos em uma pessoa: a segurança e a confiança.

Quando os sentimentos são de desconfiança as reações emocionais terão como base o medo, a hostilidade, a defesa, etc. Portanto, os vínculos familiares são de “sangue” e duram por toda a vida, e são compartilhados com todos da família que nos antecederam, inconscientemente. Segundo Bert Hellinger, nossa lealdade é tão forte que está a serviço do sistema familiar para reparar as ordens que não foram seguidas em outra geração e que ameaça a continuidade e a força da família.

Alunos difíceis

“Em suas observações Bert Hellinger, grande divulgador das constelações familiares, pode constatar que as crianças difíceis são as que mais amam seus sistemas familiares e por amor denunciam que algo não vai bem (quebra da lei do equilíbrio), está em desordem (quebra da lei da ordem) ou que está faltando alguém (quebra da lei do pertencimento)”³.

Quando a consciência desse fato permanece adormecida e a pessoa não se sente pertencendo, sua vida pode ficar em desequilíbrio, causando emaranhados. O primeiro grupo ao qual pertence o sujeito é a família. Na medida em que se desenvolve, outros grupos vão surgindo, como a escola, e com isso, a necessidade de pertencimento do sujeito. Franke (2005) faz-nos refletir sobre a lealdade familiar das crianças para com suas famílias.

A lei sistêmica da ordem ou da hierarquia trata do respeito natural que devemos ter por todas as pessoas que nasceram, foram geradas, antes de nós na nossa família. A lei do equilíbrio diz que o dar e receber entre as pessoas precisa se equivaler para que assim a paz possa existir. A única exceção a essa lei é o dar e o receber entre pais e filhos porque estes jamais poderão dar aos seus pais algo tão valioso quanto a vida que deles

³ <https://iperexo.com/2019/10/16/pedagogia-sistematica>

receberam. A lei do pertencimento assegura que cada um de **nós tenha posição irrevogável na família.**

Ao realizar o trabalho na sala de aula com as crianças, percebeu-se que, gradualmente, conseguia ver nas crianças os representantes de suas famílias com suas leis, suas dinâmicas próprias e particulares, são crianças e alunos comprometidos de forma profunda com suas famílias. Daí a necessidade da escola e família caminharem juntos na resolução de conflitos.

Em uma análise mais profunda, quando colocou em uma constelação familiar um caso de uma criança difícil, Bert relata em seu livro “Olhando para a alma das crianças” que: *“A criança difícil está em ressonância com outra pessoa. Então, ao invés de querer corrigir o problema, por exemplo, através de advertências de que nada adiantam, olhamos com a criança para a pessoa em sua família que quer ser acolhida. Essa ideia já nos alivia e alivia a criança também. Ela já não é “tratada” por nós, vamos com ela por um certo caminho. Nesse caminho, ela se sente segura conosco.”*⁴

Um dos grandes desafios para todos aqueles que convivem com adolescentes, seja no ambiente familiar ou escolar consiste em desenvolver estratégias de interação e promoção da saúde mental. Apesar das políticas públicas desenvolvidas nas últimas décadas para essa temática, nos deparamos com números crescentes de jovens com variados tipos de sofrimentos psíquicos. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014) relatam que, um em cada cinco adolescentes enfrenta desafios de saúde mental.

Diga-se que, na escola, não se apreende somente conteúdo acadêmico, mas toda uma gama de conhecimento que constituirão a base de um indivíduo para a vida em sociedade conforme abaixo:

“Autores como Beillerot, Blanchard - Laville, Mosconi trabalham a questão da relação com o saber do ponto de vista psicanalítico, e regridem no sentido de uma interpretação biologizante do desejo. Desviaram a teoria do desejo para a teoria da pulsão. Ambas as correntes centram-se nelas mesmas e incorrem em limitações. A questão é antropológica e encontra-se ausente em Dubet, que situa a socialização e a subjetivação, mas esquece a hominização, ou seja, que o sujeito e seu desejo não são inteligíveis senão pela condição humana. Nesse ponto, é necessário partir da condição do filho do homem. Este é obrigado a aprender para ser (perspectiva antropológica). As exposições (em torno do homem) são de filósofos que colocam a condição inacabada do homem. **É o animal que, ao nascer, vê-se submetido à**

⁴ <https://iperexo.com/2019/10/16/pedagogia-sistematica>

obrigação de aprender. Aprender para construir-se em um triplo processo: de hominização (tornar-se homem); de singularização (tornar-se um exemplo único de homem); de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela).

(...)

O espaço do aprender é um espaço-tempo partilhado com outros homens. O que está em jogo nesse espaço-tempo não é meramente epistêmico e didático. Existe, ainda, o saber como relação identitária.” (CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes. Médicas, 2000)

Assim, é necessário exercitar um novo olhar para os alunos ditos “difíceis”. Pelo viés sistêmico, os professores podem incluir, no processo educativo, toda a família desse aluno e, desta forma, conseguir desempenhar seu papel de forma mais efetiva não se emaranhando com as questões familiares dos alunos.

Papel da escola e da pedagogia sistêmica

Como postura, a Pedagogia Sistêmica pode ser aplicada em todos os contextos educativos, sejam estes formais (escola) ou informais (família). Em sala de aula, pequenas intervenções têm se mostrado extremamente eficazes diante de conflitos, dificuldades de aprendizagem e tantas outras realidades difíceis.

A Pedagogia Sistêmica, como marco de referência, permite explicar o papel que desempenham as necessidades do sistema familiar social e histórico tanto do que aprende como do que ensina, durante os intercâmbios de significado que acontecem no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos curriculares.

Além disso, a Pedagogia Sistêmica, ao reconhecer a herança transgeracional e intergeracional, postula:

- Que haja um vínculo entre professores e alunos que gere um legado transgeracional e intergeracional em termos emocionais e cognitivos.
- Que haja um vínculo entre os alunos, intrageracional, que se expressa em uma lealdade e respeito aos valores dentro da sua própria geração.
- Que haja um vínculo entre a prática e seus conteúdos curriculares com a cultura do mundo atual.
- Que haja um vínculo entre o professor e a matéria que expressa sua vocação e o destino que se manifesta quando ensina.

No marco da Pedagogia Sistêmica podemos explicar que depois de haver esgotado todas as medidas didáticas para apoiar os alunos, é necessário perguntar e explicar o vínculo deles com a prática ou a matéria e ao fazê-lo reconhecer que ele não tem permissão de seu sistema familiar porque alguns dos pais, ou avós, não tiveram oportunidade de aprender a ler e a escrever e no fundo, no sistema familiar se considera a leitura e a escritura como uma perda de tempo.

Se algo caracteriza a Pedagogia Sistêmica é, justamente, a sua firme proposta de inclusão. Devemos o seu desenvolvimento a Bert Hellinger (terapeuta alemão) desenvolvedor da Abordagem Sistêmica Fenomenológica Segundo ele - Constelações Familiares são uma filosofia de vida e técnica terapêutica que permite olhar o indivíduo dentro do seu contexto familiar, a partir das relações que estabelece com pessoas da família e com pessoas que não fazem parte da família, através de vínculos de amor e lealdade. A solução para os conflitos e as desordens ocorridas nestas relações se faz através das "ordens do amor", promovendo equilíbrio e harmonia.

As Ordens do Amor traduzidas para os contextos escolares evidenciam a raiz de muitas questões ditas difíceis. O educador sistêmico aprende a "ler" a realidade do aluno e da instituição, percebendo seu real papel e função. A partir deste lugar, olha com respeito para seus alunos e suas histórias. É imprescindível que o educador sistêmico olhe antes de mais nada para a sua própria história de vida. É um profundo trabalho de autoconhecimento. A partir deste movimento de acolhida da própria história, pode ir para as realidades escolares "inteiro" e, de posse desta inteireza, dá conta de acolher também seus alunos e suas histórias como são.

Léo Costa, educador sistêmico, em seu artigo “Educação Sistêmica: o lugar dos pais na escola” também afirma esta questão dizendo que “Os pais, portanto, são os iniciadores, por isso cabe a eles não só o primeiro lugar, mas o lugar de honra na escola.”⁵

Ousaria dizer que a Pedagogia Sistêmica, é a “Pedagogia do Amor”, pois inclui a todos e tudo que cada um carrega em seu coração. Trazer essa postura para sala de aula e para a escola foi para mim um despertar para uma nova percepção de mundo e dos contextos dos quais trabalhei.”⁶

⁵ <https://iperexo.com/2016/10/17/educacao-sistemica-o-lugar-dos-pais-na-escola-um-artigo-de-leo-costa/>

⁶ <https://iperexo.com/2016/10/17/educacao-sistemica-o-lugar-dos-pais-na-escola-um-artigo-de-leo-costa/>

O Pensamento Sistêmico é uma abordagem que considera as interações das partes com o todo (RAZA e STANDING, 2011). Portanto é um complexo de elementos em interação, nele as particularidades dos indivíduos não explicam o comportamento de todos. Dessa forma, ao analisar um sistema familiar não podemos imaginar a soma das análises de seus membros, e para explicar tal conceito, citaremos a metáfora do pão de Virgínia Satir. “Quando misturamos farinha, água, fermento, açúcar e diversas especiarias cada parte possui somente suas próprias qualidades, seu sabor, suas vitaminas e nutrientes”. Através da adição de energia (sovar) e calor (assar), algo totalmente novo se forma: o pão. (Renoldner-2012, p.54)

Os sistemas abertos apresentam algumas características específicas, como a globalidade que faz com que o comportamento de um sistema seja coeso, dessa forma se houver modificação em uma das partes, as outras tendem também para uma mudança; não somatividade, não sendo o sistema considerado a soma de suas partes, uma vez transformada a relação no sistema, há mudança em todo o seu funcionamento; homeostase, responsável pela autorregulação e estabilidade do sistema, preservando seu funcionamento diante das mudanças; morfogênese, característica dos sistemas abertos que captam *inputs* do meio e se autotransformam; circularidade, a interação entre os elementos do sistema é circular e não linear; retroalimentação assegura o funcionamento circular dos sistemas; equifinalidade, condições diferentes tem a capacidade de gerar o mesmo resultado e resultados diversos podem ocorrer a partir de um mesmo evento.

O pensar sistêmico não pode ser condicionado à psicoterapia, mas direcionado a uma nova forma de ver, perceber e entender o mundo e a vida. Uma possibilidade de se distanciar das verdades estabelecidas e dos paradigmas definidos, para poder pensar em outras hipóteses e buscar novas alternativas que possibilitem encontrar todos os recursos necessários para a melhor percepção da situação que se apresenta à primeira vista, pois só mudando o olhar sobre as coisas, teremos a capacidade de transformá-las.

Avaliemos a experiência da escola João Mattos em Fortaleza-CE:

A Pedagogia Sistêmica é um movimento educativo que reconecta os vínculos entre os pais, docentes e alunos a favor da vida e ao serviço de algo maior. Percurso de ampliação do projeto Em 2019 as atividades de constelação que já aconteciam na escola João Mattos intensificaram-se. Tivemos mais consteladores realizando vivências de constelações em grupo e individual. O atendimento se estendeu para professores, familiares e gestão escolar

(...)

À luz da pedagogia sistêmica, a vivência serviu como um diagnóstico de como os pais dos alunos não são incluídos no processo de resolução de conflitos.

(...)

Quem estava presente pode perceber a importância de incluir os pais no processo educacional, para a diminuição de atritos na honra seus pais e antepassados, não consegue também honrar os pais dos alunos, não os respeitam e, conseqüentemente, os alunos também não honram o professor. Então, muitas vezes a inabilidade do professor ou a intransigência do aluno é motivado por esse desequilíbrio. A terceira lei é a do equilíbrio. Existe uma dinâmica do dar e receber nas relações humanas.

(...)

O tema do aluno (X) foi a relação dele com o pai. Nesse caso, a sua relação conflitante era expandida para o convívio escolar. Havia muita raiva acumulada e dor. Depois da constelação, em momentos de observação desses alunos constelados, pudemos perceber a leveza dele nas conversas com os colegas e na forma mais amigável que passou a tratar alguns professores. A fala dele revela isso, quando diz que “agora sou um garoto mais tranquilo, antes era muito explosivo com tudo, hoje consigo enxergar as coisas de um jeito bem melhor”.

(...)

Sob esse paradigma emergente no século XX, denominado holístico ou sistêmico, o mundo é analisado como um todo integrado, compreendendo as interdependências entre as suas partes, tendo como principal característica a mudança da perspectiva do estudo dessas partes para o todo (CAPRA, 2018, p.40).

Pode-se afirmar que o pensamento sistêmico é um dos pilares da Educação Sistêmica, bem como os princípios sistêmicos de Bert Hellinger⁶ (HELLINGER, 2010). A inclusão da abordagem sistêmica como recurso para educadores e alunos nas escolas, difundiu-se através do trabalho de Marianne Franke⁷, na Alemanha.

Mas o que é Educação Sistêmica? Para Jean Lucy Toledo Vieira, além de ser um caminho de transformação e amor, seria:

A educação sistêmica não implica em(*sic*) novas metodologias ou novas técnicas pedagógicas. Ela é, por excelência, uma nova postura. Pode ser aplicada e utilizada em todos os espaços escolares, mesmo que a escola não seja, ela toda, adepta deste olhar, justamente por tratar-se de uma postura interna, uma forma de ver e se colocar na vida (VIEIRA,2019, p.47).

(FRANCELINO, Elizabete Távora. As Contribuições e Desafios do Projeto de Constelação Familiar Sistêmica da EEFM João Mattos a Outras Escolas de Educação Básica Do Ceará. In Políticas públicas na educação e a construção do pacto social e da sociabilidade humana: Atena Editora, 2021, p. 132)

A escola em comunhão com a pedagogia sistêmica tem como papel o de acolher os alunos que tudo que eles são e tudo eles têm, toda a bagagem trazida por eles.

O papel do professor

Devemos sempre lembrar que os professores também têm seus próprios sistemas familiares e, portanto, suas próprias questões sistêmicas que não podem ser deixadas de lado em suas vidas profissionais:

“O Professor, ao entrar na sala de aula, traz consigo todas as suas questões particulares. Essa ideia de que o bom profissional é aquele que ao entrar no local de trabalho deixa sua vida pessoal para trás, está totalmente ultrapassada porque todo ser humano é uma soma de várias partes ou versões. É impossível pedir a um profissional que deixou um filho doente em casa, por exemplo, que se desligue completamente desse assunto.

Então, a educação sistêmica convida a todos que fazem parte do sistema educacional (professores, alunos, pais, comunidade, direção, coordenação, equipe técnica e administrativa, equipes de cozinha, limpeza, apoio, etc.), a olharem as relações escolares através das lentes sistêmicas, assim todos percebendo a escola como um sistema vivo, contribuindo com as concepções pedagógicas e psicopedagógicas vigentes.

Nos moldes dos ensinamentos da professora Fátima Mello, a postura sistêmica pode ser acolhida, praticada, aprofundada e estimulada pelos educadores, proporcionando uma postura de autonomia, e com isso o professor sistêmico: “Não impõe(*sic*) ele sempre convida o aluno - “Aqui eu

sou apenas o professor e vocês são os meus alunos. Eu concordo com vocês como vocês são. Eu estou aqui para todos. Quem quiser vir comigo, venha!”. Portanto, trata-se de uma postura e não apenas uma técnica, na qual o professor ocupa o seu lugar, entendendo que o mesmo não é o pai ou salvador do aluno, e sim, um educador que realiza o seu trabalho sem intenção ou julgamento, apenas inclusão, já que como apresentado antes, todos pertencem.” (MELLO, 2018, p.105) MENDES, Ana Tarna. UM NOVO OLHAR PARA EDUCAÇÃO

Muitas vezes também é necessário que os professores também tomem seus próprios pais em seus corações e aceitem tudo como foi sob pena de se emaranharem com os alunos que tenham as mesmas questões. Embora esteja em último lugar no sistema escolar, este movimento de autocura é imprescindível para um bom desempenho em sala de aula.

Somente após acolherem seus próprios pais, os professores conseguirão ser bem sucedidos quando colocarem os pais das crianças no seu nosso coração e sem julgamentos “do como deveria ser” respeitando o destino das crianças exatamente como é.⁷

Por vezes, é chocante dizer “aceitar o destino das crianças exatamente como é”, pois, de certa forma, aprendeu-se que professores são salvadores e que tem o poder de transformar a vida das crianças. Entretanto, tudo que se consegue julgando os pais, é que as crianças se voltem contra o professor, fiquem bravas e até mesmo limitem o seu aprendizado.⁸

Ao realizar o seu trabalho na sala de aula com as crianças, coloca: “*gradualmente consegui ver nas crianças os representantes de suas famílias com suas leis, suas dinâmicas próprias e particulares*” (2009-p. 21), são crianças e alunos comprometidos de forma profunda com suas famílias. O professor com essa visão sistêmica terá a possibilidade de trabalhar com os pais, educar a criança e ensinar. (Vilaginés, M. T - 2011).

O vínculo entre os pares é de igualdade e se expressa na aula quando, por exemplo, uma professora durante o desenvolvimento de uma atividade em equipe, percebe um aluno que não trabalha e a raiz de sua intervenção tem um conflito com ele e por alguma

⁷ <https://iperovo.com/2016/10/17/educacao-sistemica-o-lugar-dos-pais-na-escola-um-artigo-de-leo-costa/>

⁸ <https://iperovo.com/2016/10/17/educacao-sistemica-o-lugar-dos-pais-na-escola-um-artigo-de-leo-costa/>

razão este se sente agredido. O grupo atuará em sua defesa desafiando a autoridade da professora.

Marianne Franke, grande professora e consteladora familiar, pioneira em divulgar o seu trabalho com a Pedagogia Sistêmica em várias partes no mundo, em seu livro “Você é um de nós” relata que as constelações familiares a conduziram a uma nova compreensão dos alunos. Ela escreve:

“vi como estão inseridos em suas famílias e sua lealdade a elas. Mas também reconheci as forças que empregavam constantemente para ligar sua vida familiar à escola e percebi que essas forças poderiam ser frutíferas. Na verdade, isso acontece quando nós, professores, abrimos nosso coração às famílias, permitindo-lhes entrar em nossa sala de aula como uma presença invisível e permanente.”⁹

Por isso, diz-se que, dentro da postura sistêmica, um bom lugar, o lugar que impulsiona a criança para o MAIS, é o professor colocar-se em último lugar numa hierarquia entre pais, filhos e escola. Sabendo que os pais tem precedência nessa relação, pois são eles que deram a vida à criança e a levaram para a escola.¹⁰

Muitos conflitos escolares têm sua gênese na infração das leis sistêmicas ocasionada por essa transferência de papéis. Os professores se emaranharam (explicar no rodapé) e tentam suprir esta ausência o que impossível para quem quer que seja.

Destacamos que, apesar de a relação professor/aluno não obedecer às Leis Sistêmicas nem às Ordens da Ajuda, faz-se necessário conscientizar os professores sobre as Ordens da Ajuda para que não haja emaranhamentos quando da sua atuação em sala de aula e nas demais atividades escolares. Sendo as ordens da ajuda:

A **primeira ordem da ajuda** consiste, portanto, em dar apenas o que temos, e em esperar e tomar somente aquilo de que necessitamos.

A **segunda ordem da ajuda**, o destino da outra pessoa pode parecer difícil, e gostariam de modificá-lo.

A **terceira ordem da ajuda** seria, portanto, que, diante de um adulto que procura ajuda, o ajudante se coloque igualmente como um adulto.

⁹ <https://iperovo.com/2016/10/17/educacao-sistemica-o-lugar-dos-pais-na-escola-um-artigo-de-leo-costa/>

¹⁰ <https://iperovo.com/2016/10/17/educacao-sistemica-o-lugar-dos-pais-na-escola-um-artigo-de-leo-costa/>

A **quarta ordem da ajuda** diz que o indivíduo é parte de uma família. Somente quando o ajudante o percebe assim é que ele percebe de quem ele precisa, e a quem ele possivelmente está devendo algo.

A **quinta ordem da ajuda** é o amor a cada pessoa como ela é, por mais que ela seja diferente de mim. Quem realmente ajuda, não julga.

Diante de tais esclarecimentos, principalmente da quarta ordem da ajuda, os professores tendem a melhorar sua visão geral da escola. Tornam-se pessoas mais tranquilas e cientes do seu papel importantíssimo nesta instituição. Colocando-se em sua posição sem tentar salvar os alunos do que quer que seja.

Estes, como muitos outros casos, que o leitor seguramente começou a considerar da sua experiência, expressa o vínculo do aluno com seu sistema familiar e estuda essa licenciatura por vocação. Vemos então que seu destino se converte em vocação. Assim também, a Pedagogia Sistêmica explica o vínculo entre os professores e as matérias que ministram, uma de nossas professoras é bióloga, e atualmente ensina Biologia a alunos do vestibular porque seu avô paterno passava muito tempo no mar. Conta a professora que ao concluir o vestibular enfocou seus interesses e aspirações de estudo em carreiras relacionadas com o mar, entre outras, a biologia marinha, que respondia a seu destino, esta se converteu em sua vocação.

Boa e má consciência

De forma descomplicada, Bert Hellinger identifica a **boa consciência** com o conhecido, o familiar, aquilo a que estamos acostumados, o terreno já desbravado. Enquanto a **má consciência** seria identificada com o desconhecido (ou o ainda-não-conhecido), o novo, as verdades ainda não descobertas, os caminhos ainda não desbravados. Mas de que forma isso se relaciona ao sistema familiar?

Como disse Marianne Franke *“Os professores precisam entender que os alunos preferem seguir os pais a serem educados”*, assim eles se mantêm na **boa consciência** em relação à sua família. Se os pais de um determinado aluno não tiveram acesso à educação formal, não frequentaram escola será muito mais difícil para este aluno ter sucesso na sua vida escolar. Ele estará na **má consciência** em relação à sua família caso seja exitoso na escola.

O conhecido o aceitável para este sistema familiar é não ter estudo, é ser analfabeto. Quebrar um padrão familiar, ir rumo ao desconhecido, estar na **má**

consciência requer muita força e coragem por parte do membro de uma família que quer fazer diferente.

As ditas “ovelhas negras” são os buscadores que, para o bem ou para o mal, rompem com padrões familiares e saem da **boa consciência** rumo a **má consciência**. Isso causa um desequilíbrio no sistema familiar por conta de um possível desrespeito à lei do pertencimento. Pertencer à sua família é tão essencial quanto respirar para um ser humano.

Conclusão

A ausência do pai é causa de, dentre outras mazelas, de fracasso escolar. O pai leva para o mundo, dá o norte alunos difíceis e mal sucedidos chamam atenção para esta figura que foi suprimida, pelo motivo que for, da sua vida ou do seu sistema familiar.

Este comportamento é facilmente detectável por meio da pedagogia sistêmica e exercícios sistêmicos de inclusão deste pai ausente. A atitude do aluno dito difícil muda sensivelmente. O comportamento dos professores é crucial ao se colocarem no seu lugar e não tentar substituir ou preencher a lacuna deixada pelo pai excluído/ausente.

Assim, respeitar o sistema familiar do “aluno difícil” é essencial para a sua mudança de atitude. Acolher essa ausência e ressignificar os fatos seguindo a vida da maneira que tem de ser.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. A escola reflexiva. In: ALARCÃO, Isabel (Org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001, p. 15-30.

Boscolo, L., & Bertrando, P. (2013). *Terapia sistêmica individual: Manual prático na clínica*. Belo Horizonte: Artesã

Breunlin, D., & Jacobsen, E. (2014). *Putting the "family" back into family therapy*. *Family Process*, 53(3), 462-475.

CANSANÇÃO, Eliane Calheiros. TENÓRIO, Salvione K. C. M. Um olhar da escola para os pais. *Conexão sistêmica Sul. Revista de Constelação Sistêmica da América do Sul*: São Paulo: n.3, 2013, p:80-82.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2018.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes. Médicas, 2000

DAHLKE, Rüdiger. A doença como linguagem da alma na criança. São Paulo, Cultrix, 2014.

Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Org). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

FRANCELINO, Elizabete Távora. As Contribuições e Desafios do Projeto de Constelação Familiar Sistêmica da EEFM João Mattos a Outras Escolas de Educação Básica Do Ceará. In Políticas públicas na educação e a construção do pacto social e da sociabilidade humana: Atena Editora, 2021, p. 132;

FRANKE-GRICKSCH, M. Capturar a dinâmica: constelações sistêmicas na supervisão e formação de professores. Conexão sistêmica Sul. Revista de Constelação Sistêmica da América do Sul: São Paulo: n.2, 2011, p:61-69.

FRANKE-GRICKSCH, Marianne. Você é um de nós- Percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos. / Marianne

Franke - Gricksch; Tradução de Décio Fábio de Oliveira Junior, TsuyukoJinno-Spelter. 2a ed. rev. Patos de Minas (MG):Ed. Atman, 2009.

FRANKE, M. O Corpo sabe e mostra o caminho: partindo da percepção do corpo para formas básicas da constelação familiar. Conexão sistêmica Sul. Revista de Constelação Sistêmica da América do Sul (SP): n.1, 2011, p:56-61.

Garcia, José A. El ordenen la escuela “Cada uno en su Lugar”. Disponível em: www.centrocolibri.es _____ La Pedagogia Sistêmica, una Nueva Manera de Mirar al Conflicto.

GOBBI, S. L. **Teoria do caos e a abordagem centrada na pessoa**: uma possível compreensão do comportamento humano. São Paulo: Vetor, 2002

GOMES, Cândido Alberto; SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses; CALIMAN, Geraldo; CÂMARA, Jacira. A formação para a cidadania. In ABMP, Todos pela Educação. **Justiça pela qualidade na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013, p. 689-707.

GOMES, W. B. A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente. **Revista Psicologia USP**. Vol. 2, 305-336. 1997.

GUEDES, Olinda. (2012). O que traz quem levamos para Escola? Pedagogia Sistêmica. Editora Appris. Curitiba.

GURGEL, Thaís. *A origem do sucesso (e do fracasso) escolar*. Disponível em <https://web.archive.org/web/20090323034322/http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/origem-sucesso-fracasso-escolar-419845.shtml>.

HELLINGER, Bert. **Constelações Familiares** - O Reconhecimento das Ordens do Amor. São Paulo: Cultrix, 2010.

HELLINGER, Bert. Olhando para a alma das crianças. Belo Horizonte, Ed. Atman, 2015.

HELLINGER, Bert. **Ordens do amor** - um guia para o trabalho com constelações familiares. São Paulo: Cultrix, 2003.

INNECKEN, B. Porque eu amo vocês. Conexão sistêmica Sul. Revista de Constelação Sistêmica da América do Sul: São Paulo: n.2, 2012, p:70-75.

K. C. M. Conhecendo a Pedagogia Sistêmica. Relatório ISPAB – Conexão Sistêmica, São Paulo - 2012.

MELLO, Fátima. **Constelações Pedagógicas** – Segundo a abordagem sistêmica de Bert Hellinger. São Paulo: Leader, 2018.

MENDES, Ana Tarna. BARROS, Elane da Rocha Nogueira. GONDIM, Lilian Virgínia Carneiro. SOUSA, Vanessa de Lima Marques Santiago. Um Novo Olhar Para Educação. Ceará - 2019

PAULILO, André Luiz. A compreensão Histórica do Fracasso Escolar no Brasil. **Caderno de pesquisa**, v.47,n.166, p.1252-1267, out/dez. 2017. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1252.pdf>>

Porque temos esperança. https://www.youtube.com/watch?v=WgZ-uvc8_FQ&t=18s

Pozzobon Magda, Mahendra Férita; Marin Angela Helena. Renomeando o fracasso escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 21, n° 3, p. 397-396, Set/Dez. 2017. Disponível em: <<http://www.cielo.br/pdf/pee/v21n3/2175-3539-pee-21-03-387.pdf>>

SANTUCCI, GLAUCIA. P. Posturas e Atitudes Sistêmicas: uma nova abordagem para pais, educadores e terapeutas. Gesppma. Maceió-AL, ano. XI, 2014. 32 Edição. Disponível em: www.gesppma.com.br.

Schmidt, B., Schneider, D. R., & Crepaldi, M. A. (2011). Abordagem da violência familiar pelos serviços de saúde: Contribuições do pensamento sistêmico. *Psico*, 42(3), 328-336.

Sydow, K., Beher, S., Schweitzer, J., & Retzlaff, R. (2010). The efficacy of systemic therapy with adult patients: A meta-content analysis of 38 randomized controlled trials. *Family Process*, 49(4), 457- 485.

VIEIRA, Jean Lucy Toledo. **Introdução à Pedagogia Sistêmica** – uma nova postura para pais e educadores. Mato Grosso: Life, 2018.